

**EXTENSÃO E FORMAÇÃO
CONTINUADA EM
JORNALISMO: A
experiência do curso
"Gênero, discurso e
mídia"**

EXTENSION AND CONTINUOUS
EDUCATION IN JOURNALISM: The
experience of the course "Gender,
discourse and media"

EXTENSIÓN Y FORMACIÓN
CONTINUADA EN PERIODISMO: La
experiencia del curso "Género,
discurso y medios"

**Duílio Fabbri Júnior¹
Fabiano Ormaneze^{2, 3}**

RESUMO

Este trabalho apresenta um relato de experiência sobre o curso "Gênero, discurso e mídia: da reflexão à cobertura jornalística", cuja primeira turma foi oferecida na Escola de Extensão da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no segundo semestre de 2018. A proposta é oferecer elementos para uma cobertura jornalística que leve em conta a diversidade de gênero.

¹ Professor-convidado da Escola de Extensão da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Mestre em Comunicação e Mercado pela Faculdade Cásper Líbero. Jornalista pela PUC-Campinas. Coordenador e professor do curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda no Centro Universitário Salesiano de São Paulo (Unisal), campus Dom Bosco/Americana, professor no Centro Universitário Anchieta (UníAnchieta). E-mail: juniorduilio@uol.com.br.

² Professor-convidado da Escola de Extensão da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Doutorando em Linguística (IEL) na mesma universidade, onde fez também mestrado em Divulgação Científica e Cultural no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (LabJor). Jornalista pela PUC-Campinas. Professor do Centro Universitário Metrocamp (UníMetrocamp) e no Centro Universitário Anchieta (UníAnchieta). E-mail: ormaneze@yahoo.com.br.

³ Endereço de contato dos autores (por correspondência): Centro Universitário Salesiano de São Paulo (Unisal). Av. de Cillo, 3500 - Parque Novo Mundo, Americana - SP, CEP:13467-600, Brasil.

Para isso, o corpo teórico-metodológico utilizado é a Análise de Discurso Francesa. Voltado à formação continuada, o curso tem como público-alvo jornalistas profissionais e estudantes da área, mas a experiência mostrou que pessoas com outras formações também se interessam pelo tema. O oferecimento do curso reforça o caráter essencial da formação continuada do jornalista como profissional que atua na narrativa do presente, uma vez que é necessário adquirir novos conhecimentos para entender a complexidade do mundo e ampliar percepções sobre a realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalistas; Extensão universitária; Gênero; Formação continuada; Discurso.

ABSTRACT

This paper presents a report about the course "Gender, discourse and media: from reflection to journalistic coverage", whose it was offered at the Extension School of the State University of Campinas (Unicamp), in the second half of 2018. The objective is to offer elements for journalistic to produce news about gender diversity. For this, the theoretical-methodological body used is the French Discourse Analysis. The course is aimed at professional journalists and students in the area, and people that seek continuing education out of Communication's area. The course reinforces the essential character of the journalist's continuing education as a professional who acts in the narrative of the present, to acquire new knowledges to understand the complexity of the world and to increase perceptions about reality.

KEYWORDS: Journalists; University extension; Gender, Continuing education; Discourse.

RESUMEN

Este trabajo presenta un relato de experiencia sobre el curso "Género, discurso y medios: de la reflexión a la cobertura periodística", cuya primera clase fue ofrecida en la Escuela de Extensión de la Universidad Estadual de Campinas

(Unicamp), en el segundo semestre de 2018. El objetivo del curso es ofrecer elementos para una cobertura periodística que tenga en cuenta la diversidad de género. Para ello, el cuerpo teórico-metodológico utilizado es el Análisis de Discurso Francés. Buscando la formación continuada, el curso tiene como público destinatario a periodistas profesionales y estudiantes del área, pero la experiencia mostró que personas con otras formaciones se interesan por el tema. El ofrecimiento del curso refuerza el carácter esencial de la formación continuada del periodista como profesional que actúa en la narrativa del presente, ya que es necesario adquirir nuevos conocimientos para entender la complejidad del mundo y ampliar percepciones sobre la realidad.

PALABRAS CLAVE: Periodistas; Extensión universitaria; Género; Formación Continua; Discurso.

Recebido em: 12.03.2019. Aceito em: 16.05.2019. Publicado em: 01.07.2019.

Introdução

Seja no senso comum ou na academia, entre as diversas definições dadas para a atividade do jornalista, está a de que esse profissional é o historiador do cotidiano ou, então, o narrador da vida que, a cada momento, traz o que é importante ser conhecido pelo público do veículo onde trabalha, tendo como princípios os chamados critérios de noticiabilidade⁴. Na mesma linha, mas sem deixar de colocar-se como uma provocação, Bourdieu (1997) alerta para o fato de que “os jornalistas têm óculos especiais a partir dos quais veem certas coisas e outras não” (p. 25).

As “certas coisas vistas” e outras “não vistas” de que fala o autor não estão apenas delimitadas pelos critérios tradicionalmente ligados à ação de transformar um acontecimento em fato jornalístico. É nesse ponto que nossa reflexão começa a se aproximar da teoria da Análise de Discurso (AD), conforme proposta pelos autores franceses e brasileiros, a partir do legado de Michel Pêcheux (1938-1983). A diferença substancial, ao menos em relação às definições clássicas do Jornalismo, está no fato de que, para a AD, o jornalista, como sujeito, não é completamente consciente e origem de suas ações e dizeres, sendo determinados histórica e ideologicamente. Além disso, há, em todo processo de produção discursiva, uma intrínseca relação com o poder: “Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, [1971], 2004, p. 09).

⁴ Os critérios de noticiabilidade são atributos que enquadram um acontecimento na categoria de fato jornalístico. Estão relacionados à proximidade, à relevância, ao interesse público e do público etc. (PENA, 2010).

Não se trata apenas de uma crítica ou uma alternativa teórica para a compreensão do Jornalismo, fora dos já rechaçados – ao menos na academia – conceitos de objetividade e imparcialidade que, erigidos a partir do Positivismo, constituíram-se como pilares desse campo profissional. A proposta, de outro modo, é compreender o Jornalismo como uma prática social, legitimada socialmente como “índice do real” (TRAVANCAS, 1993, p. 15), mas que, como qualquer processo que envolve linguagem, produz efeitos de sentido.

Entende-se que o discurso é um objeto teórico, que se constitui entre o histórico e o ideológico, materializado na linguagem. Essa proposição, se não colocada como alternativa à proposta de objetividade e imparcialidade, direciona-se a pensar o Jornalismo além da perspectiva da ação pessoal ou empresarial, como tradicionalmente tratado pelas principais teorias da área, conforme demonstra Pena (2010).

Como corpo teórico-metodológico, a AD defende a opacidade da linguagem, ou seja, a impossibilidade de compreendê-la como um conjunto de recursos que permitem dizer aquilo que se pretende. O objetivo dessa perspectiva não é, por outro lado, como acena Orlandi (2001, p. 17), atravessar o texto para encontrar um sentido nas entrelinhas ou no que está implícito. A AD volta-se ao modo como, na formulação de um dizer, são notáveis os elementos de sua constituição, pelas condições de produção⁵, pela memória⁶ e pela ideologia⁷. Pela análise do funcionamento discursivo, objetiva-se

⁵ As condições de produção, para a AD, não são apenas as circunstâncias do aparecimento de um enunciado, mas, de modo mais amplo, englobam todo o jogo imaginário que se constitui nos processos de linguagem e as projeções realizadas no discurso.

⁶ A memória, para a AD, é o conjunto de dizeres, com dominância de uns sobre os outros, que constituem o dizer atual.

⁷ De acordo com Pêcheux ([1975] 2010), o ideológico não é simplesmente a expressão da ideologia burguesa dominante, conforme a definição clássica de Karl Marx. Trata-se do “local” e o “meio” para a realização dessa dominação (ORLANDI, 2001).

demonstrar os mecanismos da determinação histórica e dos processos de sentido.

Uma das principais contribuições que a AD pode dar ao jornalista em termos de formação e de tomada de consciência em relação ao que produz diz respeito à interpretação a que o tempo todo se está sujeito. Mariani (1999, p. 103) lembra que “o discurso jornalístico produz leituras do mundo [...], interpreta (e até mesmo produz) os acontecimentos” (p. 103). A AD, assim, oferece ao jornalista elementos para desnaturalizar a evidência de fato, de relato ou de qualquer noção de objetividade. O gesto de interpretação que produz o fato jornalístico, que promove a passagem entre o mundo e a linguagem, dá-se sempre em algum lugar “da” história, “na” história e “pela” história, promovendo sentidos “de” e “para” sujeitos. Apesar de tal importância, a AD, de modo geral, não faz parte dos currículos e conteúdos dos cursos de Jornalismo, destacando-se apenas atitudes pontuais, geralmente, por iniciativa de docentes que têm vivência ou se filiam a essa visada teórica, como é o caso dos autores deste texto.

Isso posto e considerando a complexidade característica do mundo pós-moderno, colocamo-nos a pensar de que modo as questões de gênero podem ser pensadas no diálogo entre o Jornalismo e a AD, mote da proposição do curso “Gênero, discurso e mídia: da reflexão à cobertura jornalística”, oferecido na Escola de Extensão (Extecamp) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), ministrado pelos autores deste artigo⁸. A primeira turma foi oferecida no segundo semestre de 2018.

⁸ O curso teve supervisão da professora Mônica Zoppi-Fontana, do Departamento de Linguística (Instituto de Estudos da Linguagem-IEL), da Unicamp, e líder do grupo de pesquisa Mulheres em Discurso (MulherDis). À Mônica, nossos agradecimentos.

Gênero, discurso e formação continuada do jornalista

As questões relacionadas a gênero ganham visível espaço na academia, seja em formato de cursos, estudos, publicações e eventos. Por outro lado, crescem também no Brasil denúncias de discriminação e preconceitos, bem como tentativas legislativas de barrar a liberdade de expressão, motivadas por ações de segmentos conservadores ou ultraconservadores – na política, na sociedade civil e no âmbito religioso. Em comum, esses grupos reafirmam a convicção da relação entre gênero e sexualidade biológica, numa perspectiva binária, considerando a lógica pênis/homem/heterossexual e vagina/mulher/heterossexual. “É possível afirmar que a agenda anti-LGBTI⁹ tem sido tão contrária a tais direitos [relacionados à expressão, militância e identidade de gênero] como o é em relação aos direitos humanos e aos seus defensores” (BULGARELLI, 2018, p. 99). Apesar de a citação focalizar os grupos LGBTI, compreendemos que a situação é homóloga aos direitos das mulheres e de outros grupos que se contraponham à supremacia masculina e heterossexual.

No crescimento de ambos os discursos – tanto o que privilegia a livre expressão quanto o conservador –, o Jornalismo torna-se um mediador, à medida que noticia e aborda essas temáticas em suas coberturas. Colocamos, então, uma pergunta: estaria o profissional jornalista, formado recentemente ou há algum tempo em um curso superior, preparado para uma cobertura que respeite a diversidade e tenha consciência de como sua ação tem impacto na circulação de discursos sobre tais temas?

O gênero tem sido tratado a partir de diferentes vieses, sendo o mais tradicional o de “marcador social de diferença”: “Toda discriminação costuma

⁹ Abreviação de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e intersexuais.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p237>

ser justificada mediante a atribuição de qualidades e traços de temperamento diferentes a homens e mulheres, que são utilizados para delimitar seus espaços de atuação” (PISCITELLI, 2009, p. 118). A partir da AD, compreendemos, em consonância, mas também de forma a complementar essa definição, que, estando na sociedade, esses marcadores só se constituem e são retomados como dizeres por meio dos sentidos produzidos por e entre sujeitos. “Sujeito e sentido se constituem, simultaneamente, como efeitos, pela relação com a memória discursiva e as condições de produção do discurso” (ZOPPI-FONTANA; FERRARI, 2017, p. 10). Assumimos, portanto, que a linguagem é a materialidade da memória de uma sociedade, e os processos simbólicos – dentre os quais está o Jornalismo – são espaços nos quais se pode observar esse funcionamento.

O conceito de gênero foi elaborado e reformulado em momentos específicos da história das teorias sociais, com destaque para o movimento feminista. Donna Haraway (2004) afirma que o termo “gênero” foi introduzido pelo psicanalista Robert Stoller, em 1963, para distinguir natureza e cultura. O sexo, nesse raciocínio, está vinculado à biologia e o gênero tem relação com a cultura. Por outro lado, a exemplo do problematiza Butler (2003), é preciso lembrar que o discurso de identidade de gênero é intrínseco a uma lógica heterossexual e que, para torná-lo mais amplo, seria necessário “produzir uma legitimidade narrativa para todo um conjunto de gêneros não coerentes” (p. 57). Para essa autora, o gênero se faz por um conjunto de atributos performativos, sempre produzido por um “fazer”.

Pensando na representatividade do discurso jornalístico na sociedade, nas falhas de formação do profissional e na compreensão de que conhecimento em AD pode trazer contribuições ímpares ao jornalista, elaboramos a proposta

do curso de extensão “Gênero, discurso e mídia: da reflexão à cobertura jornalística”. A ideia de realizá-lo surgiu a partir de duas experiências vivenciadas na França pelos autores deste texto, durante os estágios de doutorado.

Em Toulouse, na Universidade Jean Jaurès, os autores entraram em contato com o projeto de pesquisa e extensão universitária desenvolvido pela professora Marlène Coulomb-Gully, que, em parceria com a agência noticiosa *France Press*, realizou com os alunos de graduação e pós um levantamento das características do discurso relacionado a gênero nas notícias difundidas pela empresa. Os resultados indicaram uma visão sexista, machista, e ainda calcada em posições conservadoras de supremacia masculina. Ao final do semestre de trabalho, foi redigido um documento com indicações de pontos a serem refletidos por jornalistas e gestores da agência. Essa experiência por si só demonstra algo que, no Brasil, ainda patina, sobretudo na área de Ciências Humanas: a relação que pode existir entre universidade e mercado, na qual a primeira, por meio de pesquisas e atividades de extensão, oferece caminhos para uma contínua melhoria das práticas profissionais.

Coulomb-Gully (2009, online) considera a mídia uma “fábrica de gênero”, sobretudo ao reproduzir estereótipos¹⁰. “A referência à aparência física, ao estado civil e à situação familiar caracterizam grande parte da representação das mulheres na imprensa”. De acordo com a professora, embora haja avanços na igualdade de gênero, o masculino ainda é prevalecente, o que ela sintetiza num questionamento: “Se as mulheres podem usar calças, por que os homens ainda não podem usar vestidos?” (2009, online).

¹⁰ O estereótipo é uma imagem cristalizada, socialmente difundida, oriunda da memória e do pré-construído.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p237>

Em Paris, na Universidade Paris XIII, os autores deste texto tiveram contato com o trabalho da professora Marie-Anne Paveau que, durante a *Action de Formation Bilatérale France-Brésil 2017-2018: Discours, genre, société*, relatou a realização de um curso sobre gênero voltado a jornalistas, promovido em Lyon. “Se efetivamente é mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito, segundo a célebre máxima de Einstein, então é necessário sem dúvida atacar o preconceito de forma indireta” (PAVEAU, 2017, p. 145). A posição de Paveau reconhece a impossibilidade de fugir aos estereótipos de gênero, propondo, por outro lado, confrontar o estabilizado sobre “masculino” e “feminino”.

A experiência do curso na Unicamp

O curso de extensão foi estruturado, de acordo com as normas institucionais, com carga horária de 30 horas/aula, divididas em sete encontros, com quatro horas e quinze minutos cada, realizados aos sábados pela manhã (das 8h45 às 13h), em sala do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). A ementa foi assim construída:

O curso discute a temática do gênero como uma prática histórica, ideológica e discursiva. Orienta, a partir dessa reflexão, para uma cobertura jornalística que confronte estereótipos, considerando a importância da imprensa e do Jornalismo na circulação de discursos. Instrumentaliza, ainda, para a utilização de textos midiáticos como objeto de discussão sobre gênero. (EXTECAMP, 2018, p. 01)

Essa ementa, além de contemplar os aspectos de formação continuada do jornalista, evidencia a abordagem filiada teoricamente à AD, bem como o objetivo de oferecer elementos que possam ser usados de modo pedagógico, sobretudo quando os textos midiáticos são alvos de trabalhos em sala de aula nos diferentes níveis de ensino.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p237>

A partir disso, os objetivos do curso foram¹¹:

- Apresentar uma leitura discursiva da questão de gênero; -
- Discutir as relações entre gênero, subjetividade e identidade; -
- Discutir de que forma a imprensa tem papel importante na circulação de discursos sobre o assunto; -
- Analisar e apresentar indicações de cobertura, com destaque para as questões de linguagem, que permitam uma abordagem jornalística condizente com a complexidade da questão de gênero. (EXTECAMP, 2018, p. 02)

Para a matrícula no curso, era exigência estar, no mínimo, cursando uma graduação ou já tê-la finalizado. Embora o foco eram, principalmente, jornalistas, compreendíamos a importância do tema para qualquer profissional, e, portanto, a inscrição não era restrita à área. Como prática nos cursos da Extecamp, havia um investimento financeiro a ser feito pelos alunos, para cobrir os custos operacionais. Nessa primeira turma, o valor foi de R\$ 450,00, podendo ser parcelados em duas vezes. Alunos da Unicamp (graduação ou pós) tinham 20% de desconto.

O curso contou com 16 inscritos. Desse total, seis eram jornalistas formados e três eram estudantes da área em outra universidade, cumprindo o último semestre do curso¹². Havia, ainda, uma professora de língua portuguesa, com mestrado interdisciplinar na área de Linguagens, Mídia e Artes, dois estudantes da graduação em Ciências Sociais da própria Unicamp, uma estudante da licenciatura em Letras também na instituição, um graduado em Rádio e TV, uma turismóloga e uma publicitária. As duas últimas não finalizaram

¹¹ Apesar de a descrição ser feita com verbos no passado, a proposta é que o curso volte a ser oferecido ao menos anualmente.

¹² A Unicamp não oferece curso de graduação em Jornalismo. Há, no entanto, o Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (LabJor), com o mestrado em Divulgação Científica e Cultural, vinculado ao Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), além de pós-graduação *lato sensu*. No Instituto de Artes (IA), há o curso de Comunicação Social – Midialogia.

o curso, alegando falta de disponibilidade e outros compromissos profissionais aos sábados.

Os encontros – organizados numa perspectiva dialógica com exposição da teoria do discurso, mas sempre com estudos de caso – foram preparados a partir de um tema central. A preocupação em oferecer os conceitos e conteúdos por meio de exemplos retirados da imprensa foi fruto não só de uma dinâmica pedagógica que permite uma participação maior dos estudantes, mas também pela dimensão prática que se pretendia, focando menos nas discussões teóricas e mais na reflexão que permitiria uma conscientização para o trabalho jornalístico ou nas demais áreas envolvidas.

O primeiro encontro abordou os conceitos centrais da AD, como discurso, sentido, memória, condições de produção e ideologia, demonstrando como contribuem para a discussão sobre as representações de gênero na mídia. Colocamos a AD como um campo de entremeios, entre a Linguística, a Psicanálise e o Materialismo Histórico, e definimos discurso como entidade que não se restringe à língua e às estruturas verbais, uma vez que, em geral, os participantes, entre os quais poucos tinham contato com a teoria, associavam-no como sinônimos de “fala” ou “dizer”. Tentamos demonstrar, por exemplo, que o “discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, [1971] 2004, p. 12).

Nessa aula, consideramos a reflexão sobre gênero a partir de três recortes: o primeiro, o papel desempenhado por homens e mulheres nas redações, retomando o trabalho de Fabbri Jr. (2018); o segundo, a abordagem sobre gênero em publicações segmentadas (principalmente revistas) para homens e mulheres e, em terceiro, o discurso midiático generalista.

Sem dúvida, o momento em que as representações de gênero ficaram mais evidentes foi a análise da manchete do *G1 Salvador* (site de notícias da *Rede Globo*) que enunciava: “Adolescente marca encontro e é estuprada em Pernambués, diz a polícia”. A linha-fina da reportagem era: “Segundo a Centel, jovem teria sido estuprada por 11 homens; delegada que investiga o caso não confirma número de envolvidos”.

Apenas como exemplo, abordaremos rapidamente algumas das reflexões produzidas. Uma das questões que o grupo levantou dizia respeito à própria construção noticiosa, perguntando-se se o estupro e o fato de haver 11 homens envolvidos suspeitos ou os agravantes criminais, como a idade, não deveriam constituir o título da matéria, em vez do foco na adolescente que “marca encontro”. Notavam-se ali pré-construídos¹³ a respeito de sexualidade e de papéis e lugares para homens e mulheres.

A partir desse último conceito, a segunda aula teve como tema a discussão sobre a memória no cerne da produção de sentidos sobre gênero. Para tal, foram analisadas reportagens exibidas em telejornais, cujo tema era trabalho. Numa delas, demonstrou-se como o *Jornal Nacional*, da *Rede Globo*, ao abordar o desemprego, portanto, uma reportagem não diretamente relacionada a gênero, recupera estereótipos sobre o que seria “trabalho de homem” e “trabalho de mulher”, materializados em trechos que mostram os afazeres domésticos como incomuns e não esperados para uma pessoa do sexo masculino. Já as atividades como venda de produtos de beleza e com ganhos menores, beirando o subemprego, são apresentadas como naturais entre as mulheres. Foram também analisadas reportagens de canais de televisão em datas comemorativas, como Dia Internacional da Mulher, Dia das Mães e Dia

¹³ O pré-construído é um conceito teórico da AD, que pode ser definido como a marca, no enunciado, de um discurso anterior.

dos Pais, para, a partir da comparação, identificar que estereótipos e memórias constituem os dizeres. A opção por mídia audiovisual permitiu ainda discutir a questão da imagem e da edição televisiva como produtora de sentidos.

Nesse encontro, também foi possível refletir sobre a cobertura do jornal *The New York Times* que, ao noticiar a morte da cientista Yvone Brill, em 30 de março de 2013, focalizou mais os aspectos biográficos ligados à vida pessoal, como ser mãe e esposa, do que os feitos científicos no campo da Astronomia (ORMANEZE, 2017, FABBRI JR.; ORMANEZE, 2016).

O terceiro encontro tratou das diferentes definições de gênero, considerando autores como Judith Butler, Simone de Beauvoir, Michel Foucault e Donna Haraway. Para análise, focaram-se situações que envolvem identidade de gênero, mas são consideradas socialmente ainda mais diversas, colocando em discussão o pertencimento ou a negação ao masculino ou ao feminino. Foi assim possível refletir sobre coberturas jornalísticas envolvendo casos de transexualidade, de transgeneridade e de não binarismo. As análises circularam em torno da representação da jogadora Thifany¹⁴ em reportagens e a dificuldade para, em casos como o dela, fugir-se dos estereótipos. Foi possível, a partir da análise das reportagens, verificar como o discurso sobre gênero é marcado a partir de uma visão biológica e das noções de “normalidade” ou de “anormalidade”.

O quarto encontro focou a discussão sobre a ideia de masculinidade colocada em circulação por meio do discurso jornalístico, retratando a relação intrínseca que existe entre o masculino, a virilidade e a heterossexualidade. Buscou-se analisar como as diferentes formas de viver e expressar a masculinidade são apagadas no discurso midiático e como a homossexualidade

¹⁴ Thifany Abreu é uma jogadora de vôlei transexual, a primeira a disputar uma partida oficial da Superliga, o campeonato nacional na modalidade.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p237>

é abordada de maneira a descaracterizar o masculino. A título de exemplo, numa clara associação entre homossexualidade e violência ou anormalidade, a manchete de uma das matérias analisadas dizia: “Gay mata homem que conheceu em aplicativo”. Foi também a oportunidade de abordar tópicos relacionados à designação e que colocaram perguntas: se as duas pessoas envolvidas eram do sexo masculino, por que uma delas recebeu a designação de “homem” e outra de “gay”? Que sentidos, pela memória, estão aí retomados?

O quinto encontro abordou o discurso de resistência, ou seja, de que maneira os grupos organizados em torno da questão da igualdade de gênero constroem seus discursos. Foram apresentados e discutidos diversos casos, entre eles de sites feministas, como o *Think Olga*, que publicou sete livretos – de acesso gratuito e livre – com orientações para uma cobertura menos preconceituosa e segregadora. A série, denominada “Minimanual de Jornalismo Humanizado” (2017)¹⁵, contém um material com orientações sobre a cobertura de assuntos ligados ao movimento LGBT¹⁶ e outro sobre casos de violência contra a mulher.

Ainda nesse encontro, foi possível refletir sobre a diversidade de formas de expressão da sexualidade e de grupos muito pouco representados e abordados em reportagens, como é o caso dos assexuados ou da relação entre sexualidade e deficiência física. Nessa aula, também discutimos de que maneira o discurso militante está sujeito ao equívoco, às falhas constitutivas da

¹⁵ Os livretos podem ser acessados em: <https://www.thinkolga.com/2018/01/31/minimanual-de-jornalismo-humanizado/>.

¹⁶ Diferente de outro texto já citado neste artigo, o material do *Think Olga* não utiliza, no título do livreto, a letra “I” como componente da abreviatura para o movimento. No entanto, no interior do material, há menções e orientações a respeito do tratamento dos assuntos relacionados aos intersexuais.

linguagem e aos estereótipos trazidos pela memória. A título de exemplo disso, foram apresentados trabalhos como o de Campo e Ormaneze (2018), que demonstram como o discurso sobre o homem gay, mesmo em revistas segmentadas a esse público, carrega marcas ligadas à promiscuidade.

O sexto encontro teve como foco a análise dos manuais de redação e a discussão sobre o papel do chamado “discurso politicamente correto”. Foi fácil para os participantes, que, neste momento, já tinham uma prática de leitura discursiva, identificar como, em nome de uma suposta correção gramatical e padronização, os manuais e, por consequência, os veículos de comunicação, como modelos de língua para a sociedade, reiteravam formas estereotipadas e sexistas de designação e de tratamento, como é caso, por exemplo, da utilização do sobrenome para se referir a homens e de expressões como “esposa de fulano” para definir mulheres. Nessa aula, também foi possível discutir de que maneira a militância para utilização de designações que atendam a demandas dos grupos de resistência, como a preferência por “presidenta” (em vez de “presidente” como substantivo comum-de-dois-gêneros) ou então de “a travesti” (no lugar da forma dicionarizada “o travesti”), coloca em circulação um discurso menos sexista e mais aberto à identidade e à diversidade. Possibilitou-se, ademais, o debate sobre a identidade e como ela vai sendo construída com base na memória que emerge em determinados momentos, com um novo sentido a cada aparecimento (NAVARRO-BARBOSA, 2007).

O sétimo e último encontro foi reservado à apresentação de trabalhos de análise pelos alunos como parte da avaliação, exigência burocrática para a finalização e certificação do curso. Os participantes trouxeram diversos exemplos, retirados não só de textos jornalísticos, mas também de outros

materiais midiáticos e até de design, refletindo sentidos sobre gênero a partir das questões abordadas no curso. Em um dos casos, o participante analisou um texto produzido por ele mesmo, indicando que, sem antes estar aberto à reflexão sobre gênero, ajudava a difundir preconceitos em seus textos, em nome de manter padrões naturalizados e legitimados nas redações.

Resultados: os participantes relatam

Ao final do curso, os participantes responderam a uma avaliação, de forma anônima e voluntária, por meio de um questionário digital. Dos 14 participantes concluintes, 10 responderam às quatro questões objetivas. Desses, 90% disseram que o “curso atendeu plenamente os objetivos” e 10% informaram que “o curso atendeu os objetivos”. Havia, nessa questão, a possibilidade de dizer que “o curso atendeu os objetivos em parte” e que “o curso não atendeu os objetivos”, que não foram selecionadas por ninguém.

Em relação ao interesse em continuar a discussão na área, 70% disseram “tenho muito interesse”, 15% marcaram a opção “tenho interesse”, 10% “tenho pouco interesse” e 10% “não tenho interesse”. Havia ainda uma pergunta a respeito de quanto o curso oferecera novos conhecimentos para pensar a questão de gênero, devendo o respondente escolher um índice numa escala de 0 a 5. A esse questionamento, 100% dos participantes marcaram o valor máximo.

Por fim, havia um espaço aberto para considerações, preenchido apenas por dois participantes, conforme reproduzimos a seguir:

1. Acredito que, para um Jornalismo cada vez mais consciente e humanizado, a Análise de Discurso é essencial, uma vez que ela nos permite ver os equívocos do nosso discurso e entender que tudo o que somos faz parte de um contexto muito maior do qual não temos consciência. Por isso,

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p237>

analisar o Jornalismo de forma discursiva é a maneira ideal de entender o discurso hegemônico (e contra-hegemônico) que pauta a sociedade. Ter uma aula que consegue transmitir isso é essencial para que consigamos trazer um pouco de análise crítica junto às técnicas jornalísticas.

2. Realizar esse curso foi essencial para descobrir, de fato, o que fazer com minha carreira acadêmica. Antes, eu estava bem perdida. Encontrei no curso a área que me encanta e que pretendo seguir com pesquisas e especializações. Como jornalista, fez toda diferença para escrever textos e pensar nas interpretações possíveis para o que escrevo.

As respostas dos participantes, mas, sobretudo, os debates realizados nas aulas mostram que, de modo geral, o jornalista pensa pouco em suas práticas, o que contribui para que seu discurso reproduza, ainda que inconscientemente, posições que dificultam a ampliação do debate sobre gênero ou sobre outras questões sociais. Nesse sentido, compreendemos que investir em formação continuada deve ser também um dos focos da extensão universitária, ao oferecer cursos rápidos e focados para esse público, possibilitando um acompanhamento das discussões contemporâneas e aproximando academia e mercado de trabalho.

Considerações finais

Não só a partir dessa experiência, mas no percurso de nosso trabalho como analistas de discurso e como professores em cursos de formação de jornalistas, compreendemos que dois aspectos podem ser tomados como contribuições que a AD oferece, seja na formação básica do profissional ou na formação continuada, como foi o caso do curso aqui descrito.

A primeira contribuição – de caráter mais geral – diz respeito à desconstrução do efeito de evidência e referencialidade, indicando os modos como os discursos midiáticos produzem sentido sobre o mundo. Os manuais de redação e, de certa forma, os livros didáticos da área, pregam uma relação entre escolha lexical e precisão, no sentido de que haveria uma palavra adequada para indicar o ocorrido, com objetividade, correção e clareza. A essa questão, a AD pode contribuir ao oferecer uma nova perspectiva sobre a palavra: nem sentido nela mesma, nem precisa, mas produtora de sentidos, capazes de se tornarem sempre outros.

Por fim, a AD ajuda a conscientizar que estar certo ou errado não é um lugar a se chegar, mas essas posições mostram como podem emergir lutas, confrontos e tentativas para que discursos não hegemônicos alcem-se como legítimos. Tornar esse debate invisível, minimizá-lo ou desqualificá-lo promove a naturalização da opressão.

Referências

- BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BULGARELLI, L. Moralidades, direitas e direitos LGBTI nos anos 2010. In: Gallego, E. S. **O ódio como política**: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 97-102.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAMPO, A. A. A cura gay em revista: o estereótipo sobre homossexual nos discursos de *Veja e Júnior*. **Caderno de Letras**, n. 32, p. 11-37, set.-dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/12380>. Acesso em: 01 abr. 2019.

COULOMB-GULLY, M. Les sciences de l'information et de la communication : une discipline gender blind ? **Questions de la communication**. n. 15, 2009. Disponível em: <https://journals.openedition.org/questionsdecommunication/518#tocto1n4>. Acesso em: 01 abr. 2019.

EXTECAMP. **Programa do curso "Gênero, Discurso e Mídia"**. Campinas: Unicamp, 2018 (documento interno, não publicado).

FABBRI JR., D. 2018. Les femmes dans le *Jornal Nacional* de la *Rede Globo*: le genre et le pouvoir. **Action de Formation Bilatérale France-Brésil 2017-2018**: Discours, genre, société. Paris: Université Paris XIII, jan. 2018 (Apresentação oral).

FABBRI, JR., D.; ORMANEZE, F. ¿Qué mal hay en que una mujer sea (sólo) científica? Un análisis de discurso de obituario de Yvonne Brill em New York Times y sus desdoblamientos em Twitter? In: Jornada Vidas Ajenas. **Actas...** Santiago, Chile: Universidad Catolica de Chile, 2016.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2004.

HARAWAY, D. "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, v. 22, p. 201-246, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n22/n22a09.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2019.

MARIANI, B. Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico: a Revolução de 30. In: INDURSKY, F.; LEANDRO-FERREIRA, M.C. (Orgs.). **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.

NAVARRO-BARBOSA, Pedro Luis. Mídia, memória e identidade. IN: FONSECASILVA, M. da C.; POSSENTI, S. (Org.). **Mídia e rede de memória**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007, p. 93-110.

ORLANDI, E. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 3 ed. Campinas: Pontes, 2001.

ORMANEZE, F. Do estético ao ideológico na análise das narrativas jornalísticas: o caso das histórias de vida. In: SOSTER, D. A.; PICCININ, F. Q. (orgs.). **Narrativas midiáticas contemporâneas**: perspectivas epistemológicas. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2017, p. 200-211.

PAVEAU, M.-A. Das mulheres Tarzan às Peshmergas: estereótipos discursivos e ícones acerca das mulheres "masculinas". In: ZOPPI-FONTANA, M.; FERRARI, A. J.

Mulheres em discurso: gênero, linguagem e ideologia (v. 1). Campinas: Pontes, 2017, p. 121-147.

PENA, F. **Teorias do jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso:** uma crítica à reafirmação do óbvio. Campinas: Ed. da Unicamp, 2010.

PISCITELLI, A. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, H. B.; SZWAKO, J. (orgs.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009, p. 116-148.

THINK OLGA. **Minimanual de jornalismo humanizado**. São Paulo: Thinkolga, 2017. Disponível em: <https://www.thinkolga.com/2018/01/31/minimanual-de-jornalismo-humanizado/>. Acesso em: 01 abr. 2019.

TRAVANCAS, I. S. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus, 1993.

ZOPPI-FONTANA, M.; FERRARI, A. J. Uma análise discursiva das identificações de gênero. In: ZOPPI-FONTANA, M.; FERRARI, A. J. **Mulheres em discurso: identificação de gênero e práticas de resistência** (v. 2). Campinas: Pontes, 2017, p. 07-20.